

# A CULTURA AFRO COMO NORTEADORA DA CULTURA BRASILEIRA

The African Culture as guiding for the Brazilian Culture

Helder Kuiawinski da Silva<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Advogado. Bacharel em Direito egresso da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Câmpus de Erechim/RS. E-mail: helderks@live.com

Data do recebimento: 13/10/2014 - Data do aceite: 12/12/2014

**RESUMO:** A denominada cultura afro ou negra é muito vasta, rica e transcende fronteiras. Por muito tempo, e ainda hoje, mesmo com os avanços conquistados, temas da referida cultura permanecem cortinados até mesmo pelo não reconhecimento como cultura. Contudo, mister que a discussão ocorra e continue ocorrendo, como já analisado pela sociologia brasileira. Nesse ínterim, se presta o presente artigo a dar continuidade na discussão acerca da influência da cultura afro na cultura brasileira, apresentado novos exemplos e reflexões. Trata-se de pesquisa em referencial teórico, voltada principalmente para as acepções sociais ligadas ao tema. O resultado, obtido por meio analítico e indutivo, resplandece a necessidade de maior estudo de toda a população brasileira sobre si mesma, uma vez que parece demonstrar desconhecimento de suas próprias origens, que acaba por gerar até mesmo preconceitos infundados.

**Palavras-chave:** Cultura Afro. Influência. Cultura brasileira. Sincretismo.

**ABSTRACT:** The African culture is vast, rich and transcends borders. For a long time, and even today, although the progress made, topics of that culture remain unclear even because not recognize as culture. However, it is necessary that the discussion occurs and continues to occur, as analyzed by the Brazilian sociology. In this context, this article pretends to continue the discussion about the influence of African culture in Brazilian culture, presenting new examples and reflections. The research has made in a theoretical field, focused primarily on the social meanings associated with the topic. The result, obtained by analytical and inductive, shines the need for further study of the Brazilian population on itself as it seems to show ignorance of its own origins, which ultimately generates even unfounded prejudices.

**Keywords:** African Culture. Influence. Brazilian culture. Syncretism.

## Introdução

A cultura negra, também denominada afro, nordestina e inspira a cultura brasileira, pois é integrante desta. O trabalho tem como objetivo primo apresentar, no âmbito teórico e proveniente do senso comum, como a denominada “cultura negra” influenciou, nas mais diversas formas, a cultura brasileira, apresentando um pouco do legado daquela sobre essa.

É de suma importância um olhar mais acurado sobre a questão do negro no Brasil. Estudos apontam que em torno da metade da população brasileira é negra ou parda, logo, descendente direta do povo negro. Inclusive, tem-se que, de fato, o Brasil possui a maior população de origem africana fora da África.

Com a exploração da escravidão e “importação” de quantidade numerosa de negros para o Brasil, como não poderia ser diferente, a cultura já vivenciada por esses, foi trazida de forma conjunta, o que se explora no presente trabalho, haja vista o impacto social em face dos dados acima apresentados.

O estudo foi desenvolvido através de metodologia indutiva, analítica e descritiva, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, tanto por meio de livros físicos, como também, excertos de textos abstraídos da rede mundial de computadores.

Desde logo, insta salientar a opção pela busca realizada em meio eletrônico. Haja vista o viés intrinsecamente sociológico da pesquisa, optou-se por mesclar fontes estritamente formais e teóricas, com as constantes em sites em que os próprios usuários podem editar (por exemplo Wikipédia). Nesta senda, é possível, de certo modo, depreender não apenas as conceituações de escritores teóricos da área, mas também, como o senso comum entente tais conceitos.

## Definições de Cultura

De antemão, cabe sinalizar o que tem se entendido por “cultura” no meio acadêmico e social. Arthur Ramos (apud VRUNO, 2001, p. 09) define cultura como “la suma de todas las creaciones humana, es todo lo que el hombre hace o produce en sentido material o espiritual”.

De forma mais criteriosa, o Dicionário Aurélio (2004) traz, dentre outras, duas interessantes definições:

O conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam e se preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade (AURÉLIO, 2004).

O conjunto complexo dos códigos e padrões que regulam a ação humana individual e coletiva, tal como se desenvolvem em uma sociedade ou grupo específico e que se manifestam em praticamente todos os aspectos da vida: modos de sobrevivência, normas de comportamento, crenças, instituições, valores espirituais, criações materiais, etc (AURÉLIO, 2004).

O site Brasil Escola define cultura como:

[...] tudo aquilo que é produzido a partir da inteligência humana. Ela está presente desde os povos primitivos em seus costumes, sistemas, leis, religião, em suas artes, ciências, crenças, mitos, valores morais e em tudo aquilo que compromete o sentir, o pensar e o agir das pessoas (BRASIL ESCOLA).

A escritora Márcia Valéria (2006), de modo mais amplo, define cultura como comportamento social de um grupo, pois sintetiza desenvolvimento e sentidos e complementa:

Cultura congrega conhecimentos, artes, moral, leis, costumes, aptidões, hábitos

adquiridos, herança cultural, tradição social, toda e qualquer necessidade básica como resposta ao ambiente, expressa modo de vida, povo, ocupação, territorialidade, instituições, linguagem, instrumentos, serviços e sentimentos (VALÉRIA, 2006).

Por vezes desprezado no meio acadêmico, acredita-se que o site Wikipédia vem a contribuir de forma positiva para o trabalho em desenvolvimento ao auxiliar na definição de cultura, uma vez que, como já visto, esta está ligada à ideia de coletivo, o que vem a ser justamente a forma como o site é implementado: por qualquer indivíduo que deseje escrever para o site.

Assim, o site define cultura como

Cultura (do latim *colere*, que significa cultivar) é um conceito de várias acepções, sendo a mais corrente a definição genérica formulada por Edward B. Tylor, segundo a qual cultura é “Aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (WIKIPÉDIA, 2014).

Por ter sido fortemente associada ao conceito de civilização no século XVIII, a cultura muitas vezes se confunde com noções de: desenvolvimento, educação, bons costumes, etiqueta e comportamentos de elite. Essa confusão entre cultura e civilização foi comum, sobretudo, na França e na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX, onde cultura se referia a um ideal de elite. Ela possibilitou o surgimento da dicotomia (e, eventualmente, hierarquização) entre “cultura erudita” e “cultura popular”, melhor representada nos textos de Matthew Arnold, ainda fortemente presente no imaginário das sociedades ocidentais (WIKIPÉDIA, 2014).

Neste passo, verifica-se que cultura possui sentido amplo, fortemente ligado à toda

produção humana, seja ela material ou não. Focando o objeto do presente estudo, será explorado o que se depreende por cultura em relação ao povo proveniente da África, com base nos conceitos supracitados, apresentando o precioso legado deixado.

## Cultura Afrodescendente

“O Brasil é o país que por mais tempo e em maior quantidade recebeu pessoas escravizadas vindas da África” (LIMA, Mônica apud FIGUEIREDO, Luciano, 2009, p. 12). Este dado é trazido em uníssono por todo historiador que volte sua pesquisa para a história do Brasil.

A citada escritora refere que apenas no século XVIII o país recebeu 1.685.200 escravos, dos quais 1.134.600 vindos de Angola e 550.600 da Costa da Mina. Como um total geral, Rocha Pombo, ao ser citado por Mário Martins de Freitas (1988, p. 110), afirma crer que o total de “sangue africano” que entrou no Brasil perfazia o montante de quinze milhões. Como se verá, tal montante não poderia deixar de influenciar severamente a cultura brasileira, uma vez que passaram a fazer parte desta população, mas trazendo consigo características próprias.

Segundo o Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2011), de um total de 190 milhões de brasileiros, 91 milhões se classificaram como brancos (47,7%), 15 milhões como pretos (7,6%) e 82 milhões como pardos (43,1%). Assim, somando-se a população auto declarada como preta com a parda, uma vez que esta decorre da miscigenação do branco com negro, tem-se uma população que representa 50,7% do total, ou seja, atualmente a população brasileira é formada, em sua maioria, por negros e seus descendentes.

Todos os escritores consultados assumem severa dificuldade em descrição detalhada da contribuição/agregação do negro, da cultura

africana, à cultura brasileira, devido principalmente ao regime escravista posto. Neste, o negro não era visto como “ser”, mas como “coisa” e “transformou-se no símbolo da antiinteligência, anticultura, e anticriatividade” (MOURA, 1983, p. 141).

No entanto, como bem expõe Clóvis Moura (1983, p. 140), a contribuição do negro foi das mais substantivas e significativas ao desenvolvimento de nossa própria cultura. Aduz ainda que a contribuição “[...] não foi morta, nem insignificante, nem periférica, nem inferior e não é folclórica. Foi e continua sendo – durante a escravidão como agora – uma cultura de resistência dos oprimidos no Brasil”.

O site *A Participação dos Negros na Construção do Brasil* (2014) acrescenta:

É necessário salientar que o negro não veio sem cultura do seu local de origem. Ao entrar no Brasil ele viu uma realidade totalmente diferente da que vivia, visto que para o colonizador europeu eles eram considerados somente como mão-de-obra, mas o negro no continente africano vivia em tribos, lá ele era príncipe. A heterogeneidade cultural das etnias africanas era imensa, ou seja, lá se tinha uma prática cultural diferenciada, dependendo da região à qual pertencia.

Uma vez presente no país, dentre tantas outras dificuldades vivenciadas pelos negros como nos conta a história, uma delas foi justamente manter viva sua cultura. Muito além dos fatores internos, como distância da “terra mãe”, convívio com seus semelhantes e difusão das práticas costumeiras de geração a geração, o negro sofria demasiada pressão externa no intuito de “perder” sua cultura.

Quando da escravidão, juntamente com o império, a igreja católica possuía as rédeas do poder. A cultura europeia, tida como branca, predominava no país e não dava margem aos costumes africanos, que era discriminado

pela sociedade branca, na época, maioria. Nesse sentido, Abdias do Nascimento escreve:

Entre os instrumentos usados pelo poder escravizador está a Igreja Católica quem absolutamente, não é responsável pela persistência das religiões de origem africana na chamada América latina: Haiti, Cuba e Brasil, entre outros. Essa Igreja possui escravos com fins lucrativos, e constantemente perseguiu e atacou crenças religiosas africanas durante séculos, até os dias atuais (NASCIMENTO, 1978, p. 101).

Para conseguir preservar sua cultura e suas crenças, o negro foi obrigado a buscar dois caminhos: a “aceitação” do que era imposto pela igreja católica, miscigenando com o que era compatível com sua cultura, como também, os que conseguiam fugir, através da manutenção de seus ritos nas sociedades clandestinas por ele formadas, chamadas de quilombos.

Nos quilombos, de forma oculta, às margens do poder, os negros possuíam certa liberdade para se manifestarem, mormente de acordo com os costumes de suas terras natais.

Quanto a este “intercâmbio” de cultura, mais caracterizado pela imposição, escreve a escritora argentina Nora Di Vruno (2001, p. 27):

El catolicismo, a su vez, recibió aportes de las cosmovisiones originarias, produciendo sincretismo, cultos particulares que siguieron en vigencia hasta hoy, a través de las múltiples manifestaciones de religiosidad popular.

Ainda sobre o sincretismo e o modo do negro tentar manter vivo seu passado cultural, discorre Abdias do Nascimento (1978, p. 108):

Segundo a imagem que este mito [sincretismo religioso] pretende transmitir, as

religiões africanas, ao se encontrarem no Brasil com a religião católica, ter-se-iam amalgamado ou se fundido naturalmente, intercambiando influências de igual para igual, num clima de fraterna compreensão recíproca. Entre outros, Roger Bastide demonstrou exaustivamente o contrário; que longe de resultar de troca livre e de opção aberta, o sincretismo católico-africano decorre da necessidade de que o africano e seu descendente teve de proteger suas crenças religiosas contra as investidas destruidoras da sociedade dominante. As religiões africanas efetivamente postas fora da lei pelo Brasil oficial, só puderam ser preservadas através do recurso da sincretização. [...] Tem sido o sincretismo mais outra técnica de resistência cultural afro-brasileira do que qualquer das explicações “científicas” propagadas com fito domesticador.

Em suma, apesar de toda a dificuldade encontrada, e muito ter se perdido<sup>1</sup>, a contribuição do povo africano para a formação brasileira foi primordial tanto na composição física da população quanto na conformação do que viria a ser cultura. Isso inclui várias dimensões, como a culinária, língua, música, religião, estética, valores sociais e estruturas mentais.

Ainda antes de se adentrar, especificamente, nas alterações em nossa cultura sob influência da cultura africana, é importante realizar breve comentário sobre esta.

O site Brasil Escola, de forma fundamentalmente educativa, expõe que a África é um continente que, assim como o Brasil, possui grande diversidade cultural. Os africanos prezam muito a moral e a aproximam muito da religião. Acreditam também que o homem precisa respeitar a natureza, a vida e os outros homens para que não sejam punidos pelos espíritos com secas, enchentes, doenças, pestes, morte, etc. Não utilizavam textos e nem imagens para se basearem, mas faziam e ainda fazem seus ritos a partir do

conhecimento repassado através de gerações antigas. Seus ritos são realizados em locais determinados com orações comunitárias, danças e cantos que podem ser divididos em momentos importantes da vida, integração dos seres vivos e para a passagem da vida para a morte.

Vale ressaltar que a cultura africana também incorpora traços indígenas e europeus. Assim, é possível dizer que esse grande intercâmbio cultural vai além de regiões para se tornar uma cultura única. Toda essa bagagem atravessou os mares nos navios negreiros e, aos poucos, se incorporou (e influenciou) o povo brasileiro, e, com o tempo, fazendo do Brasil um país de grande miscigenação cultural e racial.

Na concepção de Mônica Lima (apud FIGUEIREDO, 2009), acompanhada por Oscar Freyre, a linguagem acaba por ser um dos aspectos mais evidentes da contribuição cultural dos africanos. Palavras como farofa, samba, moleque, dengo, neném, quitanda são todas de origem africana.

Clóvis de Moura (1983) afirma ser incontestável a influência do negro às artes, principalmente à música brasileira, de forma tão marcante que qualquer pessoa pode notar o fato sem maiores dificuldades. Certamente o escritor aqui se refere aos batuques, às batidas, ao gingado, pontos hoje conhecidos legitimamente como brasileiros, mas que possuem passado de intimidade com o povo oriundo da África, deixando, a título elucidativo, as rodas de capoeira, em que todos esses elementos se faziam presentes (e ainda se fazem).

Explorando um pouco mais, pode-se afirmar que a influência africana na música brasileira se manifesta na melodia e no ritmo de alguns estilos. A principal influência da música africana no Brasil é, sem dúvidas, o samba. O estilo hoje é o cartão-postal musical do país e está envolvido na maioria das



ações culturais da atualidade. Gerou também diversos subgêneros e dita o ritmo da maior festa popular brasileira, o carnaval.

Em específico sobre o carnaval, perfazendo ainda um link entre o já exposto sobre o sincretismo, encontra-se a seguinte referência em Vruno (2001, p. 40):

Con la llegada del Cristianismo, se asignó un carácter religioso a lo que fuera inicialmente pagano: el Carnaval termina en el Miércoles de Ceniza e inicia los cuarenta días de Cuaresma que culminarán en la Pascua. De allí proviene uno de sus nombres: Carne (carne) Vale (adiós), ya que marca un período de sosiego después de los excesos.

A prática do carnaval já era disseminada entre os africanos; o que a igreja fez foi “adaptar” o ritual, tido como pagão, aos seus interesses.

Na música, como supracitado, o samba é bem marcante da cultura brasileira, o que é uma herança dos afro-brasileiros. O estilo musical nasceu em meados da década de 1920; no Rio de Janeiro, surgiu e permitiu a criação de outros ritmos, tais como: o samba enredo, o samba de breque, o samba canção e a bossa nova.

Ainda quanto à música, outros estilos – dentre tantos outros – que se destacam por terem evoluído das raízes africanas (enxerto com base no site A Participação dos Negros na Construção do Brasil):

Coco: também denominado “bambelô”, é muito dançado na região praiana do Nordeste, sobretudo Alagoas. É uma dança de roda, cuja coreografia é tida com sapateado em pares, acompanhado de plantas e cantorias;

Moçambique: frequentemente executado em São Paulo, Minas Gerais e no Brasil Central. Os participantes formam uma esteira de losangos com bastões, pulam, agacham, e sacodem, sem tocar nos bastões. Enquanto

dançam e louvam aos santos, em solo e coro;

Maracatu: é propriamente um desfile carnavalesco, remanescente das cerimônias de coroação dos reis africanos. A tradição teve início pela necessidade dos chefes tribais, vindos do Congo e de Angola, de expor sua força e seu poder, mesmo com a escravidão;

Frevo: hoje tão marcante como “produto” brasileiro, inclusive, recentemente tombado por ser considerado Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, teve origem na capoeira, cujos movimentos foram estilizados para evitar a repressão policial. É uma dança coletiva, executada com uma sombrinha, que serve para manter o equilíbrio e embelezar a coreografia. Atualmente, também é símbolo do carnaval pernambucano.

Capoeira: trazida pelos negros de Angola, inicialmente, não era praticada como luta, mas como dança religiosa. Mas, no século XVI, para resistir às expedições que pretendiam exterminar Palmares, os escravos foragidos aplicavam os movimentos da capoeira como recurso de ataque e defesa. O Código Penal de 1890 proibiu a prática da capoeira, mas os negros resistiram até a sua legalização. Em 15 de julho de 2008, a capoeira foi reconhecida como Patrimônio Cultural Brasileiro e registrada como Bem Cultural de Natureza Imaterial.

Assim como na música, Clóvis Moura (1978) afirma que o negro manifesta-se também na poesia popular e na poesia oral. Nesta última, desenvolvia o “desafio”, e a atual evolução assemelha-se muito ao *rap*.

A literatura popular de origem africana é riquíssima. Ela contém uma vasta série de contos e lendas que hoje integram o folclore brasileiro: contos totêmicos, ou seja, conjuntos de animais, como: tartaruga, lebre, sapo, antílope, elefante, crocodilo etc.

Contos de assombrações e entidades sobrenaturais, como a lenda do quibungo, que significa lobo. É uma espécie de entidade

sobrenatural, meio homem, meio animal, que possui um enorme buraco no meio das costas, por meio do qual atira em meninos que persegue para comer.

A cultura material de origem africana também é vastíssima, abarcando artesanatos e técnicas, tais como: a fabricação de instrumentos musicais, a culinária, a fabricação de utensílios de cozinha e a indumentária, entre outros.

A arte africana é um reflexo fiel das ricas histórias, mitos, crenças e filosofia dos habitantes deste enorme continente. A história da arte africana remonta o período pré-histórico; exemplos da arte primitiva africana são as esculturas modeladas em argila dos artistas da cultura Nok. Eles faziam esculturas de marfim, máscaras entalhadas em madeira e ornamentos em ouro e bronze. Os temas retratados nas obras de arte remetem ao cotidiano, à religião e aos aspectos naturais da região.

Outra característica marcante da cultura afro no Brasil é a questão dos diferentes temperos agregados à nossa culinária. Mesclaram-se artigos da cozinha indígena com a europeia para transformarem-se em comida brasileira. Hoje, é impossível falar da influência dos africanos sem lembrar a herança que eles deixaram para a nossa alimentação.

Os exemplos básicos partem do acarajé, mungunzá, quibebe, farofa, vatapá, entre tantos outros. Estes, originalmente eram usados como comidas de santo, ou seja, comidas que eram oferecidas às divindades religiosas cultuadas pelos negros.

Foram incorporados aos hábitos alimentares dos brasileiros o angu, o cuscuiz, a pamonha e a feijoada, nascidas nas senzalas e feitas a partir das sobras de carnes das refeições que alimentavam os senhores; o uso do azeite de dendê, leite de coco, temperos e pimentas e de panelas de barro e de colheres de pau. Os traficantes de escravos também trouxeram para o Brasil ingredientes africanos como é o

caso da banana, ícone de brasilidade mundo afora e da palmeira de onde se extrai o azeite de dendê.

Os negros trouxeram estilos diferentes no quesito moda e estilo. Baseados na cultura ancestral, aderem penteados interessantes, como os *dreadlocks*, da cultura rastafári; o cabelo *black power*; os trançados, com balangandãs, dentre outros.

Trajes, pinturas corporais, tecidos e adornos são marcas da identidade de cada povo do continente africano. Geralmente as pinturas são usadas em cerimônias, para enfeitar o corpo ou para exibir o estilo de sua tribo, e as pinturas têm um significado diferente. A vestimenta africana tradicional é o traje usado pelos povos nativos do continente, por vezes substituída por roupas ocidentais introduzidas pelos colonizadores europeus. Hoje as mulheres vestem-se com panos ou cangas que enrolam no corpo como vestidos, cangas, capulanas, etc. São belos tecidos, cuja padronização e acabamento são reconhecidos mundialmente.

Novamente, referindo-se ao sincretismo já abordado, os negros que aportavam no Brasil (principalmente Bahia) sobrepunham sua religião ao catolicismo imposto. Tinha-se o candomblé, a umbanda, a macumba e o omoloko.

A religião integra o folclore do país como bem material. Proibidos de praticar sua religião, os africanos associaram a cada orixá um ou mais santos católicos, conforme cada religião do Brasil, para exercerem sua religião sem serem perseguidos. Dos orixás de origem africana, tornaram-se mais populares os seguintes: oxalá, xangô, yansã, oxún, ogun, oxósse, omolu, yemanjá, ibejis e exu.

As religiões chamadas afro-brasileiras surgiram durante o processo de colonização do Brasil com a chegada dos escravos africanos. Em diferentes momentos da história, aos poucos, as religiões afro-brasileiras foram se

formando nas mais diversas regiões e estados, o que culmina na adoção de diferentes formas e rituais.

Na realidade, os cultos afro-brasileiros vêm da prática religiosa das tribos africanas. Por isso, cada uma tem a sua forma peculiar de chamar o nome de Deus, promover seus cultos, estruturar sua organização, celebrar seus rituais, contar sua história e expressar as suas concepções através dos símbolos.

Alguns povos bantos eram adeptos do candomblé e foram seus introdutores no país. Atualmente, existem poucas casas de candomblé puro no Brasil, concentradas principalmente na Bahia. Por outro lado, o candomblé de caboclo e a cabula, outra variante do candomblé, tornaram-se as raízes remotas da umbanda, o mais difundido culto afro-brasileiro no Rio de Janeiro.

Um ponto final sobre os cultos afro, porém não menos digno de prestígio, trata-se da macumba. Aqui, talvez, afere-se um dos pontos mais controversos e menos compreendidos socialmente, ao revés, em muito deturpado. Assim define o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa:

ma.cum.ba

1. Religião afro-brasileira com elementos de várias religiões indígenas brasileiras e do cristianismo.
2. O ritual que corresponde a ela (AURÉLIO, 2004).

Complementando a definição a nível de dicionários, assim expõe o site “Dicio”:

Significado de Macumba

Culto fetichista de origem africana, com influências católicas e espíritas, que se desenrola em meio a danças, esgares e cânticos rituais, ao som de instrumentos de percussão.

Embrulho com farofa, azeite-de-dendê e restos de galinha, o qual, acompanhado

de uma garrafa de cachaça, charutos e tocos de vela acesos, é depositado em certos lugares, especialmente esquinas e encruzilhadas, para trazer malefício a alguém ou influir na vontade alheia. (Sin.: despacho, canjerê, ebó, coisa-feita, trabalho.)

Nome de um instrumento musical de percussão, de origem africana.

Sinônimo de macumba: babaquê, bruxaria, candomblé, feitiçaria, feitiço e xangô (DICIO, 2014).

Novamente recorrendo à Wikipédia (2014), esta aborda o tema da seguinte forma:

Popularmente, o termo macumba é utilizado para designar de maneira pejorativa os cultos sincréticos derivados de práticas religiosas – a exemplo do Candomblé – e divindades dos africanos que eram escravizados entre os séculos XV e XIX, a exemplo dos bantos.

Entretanto, ainda que macumba habitualmente seja confundida com tais práticas religiosas, os praticantes e seguidores dessas religiões rejeitam o uso do termo para designá-las.

Outras acepções para o termo macumba são: na acepção mais popular do vocábulo, é mais ligada ao emprego do ebó, feitiço, “despacho”, coisa-feita, mironga, mandinga, muamba.

O que se pode depreender dos conceitos colecionados é a pobreza de concepções aprofundadas acerca do tema. Como já supra ventilado, de fato, os conceitos provêm de sites que, no geral, qualquer usuário pode editar.

Reitera-se que a busca em meios eletrônicos, vê-se também como objetivo da presente pesquisa, uma vez que aduz maior proximidade social, pois os artigos escritos em sites como “Wikipédia” ou “Dicio” são, em verdade, contribuições de usuários leigos, integrantes do senso comum.



Buscando definição mais apurada, no “Dicionário de cultos afro-brasileiros” (CACCIATORE, 1977, p. 166-167), o verbete macumba apresenta seis definições:

Antigo instrumento musical de origem africana, usado outrora nos terreiros afro-brasileiros. Era um tubo de taquara, com cortes transversais, onde eram raspadas duas varetas. O instrumento era seguro entre a parede e a barriga do tocador. Semelhante ao canzá.

Termo genérico para os cultos afro-brasileiros derivados do nagô, mas modificados por influências angola-congo e ameríndias, católicas, espíritas e ocultistas que se desenvolveram, a princípio, no Rio de Janeiro e talvez em Minas Gerais.

Nome que os leigos usam para os cultos que empregam a magia negra e que os adeptos de Umbanda de Linha branca chamam Quimbanda.

Nome genérico que os leigos usam para designar cultos afro-brasileiros.

Sinônimo, para leigos, de feitiçaria e de ‘despacho’ de rua.

Necessidades fisiológicas, em terreiros nordestinos (AL).

Outro aspecto que se torna evidente e pode contribuir de forma negativa para o real conhecimento das religiões de origem afro é que, ao contrário das religiões que possuem livros sagrados – Bíblia, Torá e Corão –, as religiões afro-brasileiras têm seu conhecimento calcado na tradição oral.

As religiões afro-brasileiras se baseiam na tradição oral, no transe mediúnico ou de possessão, culto aos Orixás (Voduns, Inkices); culto aos Ancestrais Ilustres (espíritos desencarnados - denominados eguns no Candomblé e espíritos protetores em outros cultos), o canto sacro, a música sacra, a dança sacra, podendo alguns cultos ter como sacrifício animal e o uso de bebidas que propiciam “estado superior de consciência”.

Por derradeiro, importante salientar que desde 2003 a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da educação – foi alterada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, estabelecendo-se a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da Rede de Ensino, o que, a longo prazo, poderá formar uma geração mais informada e desprovida dos estigmas do senso comum.

Destarte, uma vez mais, deparamo-nos com situação em que a falta de informação influencia a cultura, e o senso comum impera de forma, por óbvio, irracional.

## Considerações Finais

Considerando o exposto, pode-se cotejar e mormente esclarecer o que se entende por cultura, em foque a cultura negra, no presente estudo, usada como sinônimo de cultura afro na presente conjuntura.

Viu-se que a disseminação da cultura afrodescendente avança nas mais diversas áreas, desde a linguagem, passando pela arte, em evidência a música (samba e frevo), como também, a capoeira, misto de dança e luta até chegar na culinária, vestuário e religião, dentre outras.

Por derradeiro, assemelha-se à acuidade do presente estudo quando se levam em conta os dados estatísticos, uma vez que, além de já mais da metade da população brasileira ser negra ou descendente desta, e, por conseguinte presumidamente mais íntima da cultura discorrida, a nação como um todo já há muito aderiu aos costumes descritos. Pensar nos exemplos supracitados e assemelhá-los ao próprio Brasil, ainda que, como visto, possuam raízes nos traços trazidos pelo povo oriundo da cultura negra só evidencia ainda mais o grau de aderência e sincretismo entre as culturas.

Todavia, não há de se olvidar que a cultura brasileira é ainda muito mais rica e vasta do

que ora exposto. Basta se pensar na colonização portuguesa, na proximidade e influência dos demais países latinos, colonizados pela Espanha (onde nas áreas de fronteira, essas quase que não existem, culturalmente falando). Logo, no presente trabalho discorre-se sobre uma parcela da formação e influência sobre a cultura atual, não esgotando, de forma alguma, tema, até mesmo porque, como ventilado no item sobre a religião, há muito preconceito e ideias em sentido contrário, até mesmo de negação da cultura afro.

Por fim, o que está a se dizer é que o povo brasileiro precisa, sim, apropriar-se do conhecimento, reconhecendo suas raízes culturais, não apenas de incorporação, mas de miscigenação e moldagem ao jeito próprio brasileiro. Entende-se como necessário extirpar o pensamento de subvalorização da cultura afro, para que se elimine o medo do desconhecido. Basta conhecê-lo e, no fim, perceber que é parte integrante de si mesmo.

## NOTA

<sup>1</sup> A dificuldade encontrada pelos historiadores é tamanha que inclusive o governo brasileiro resolveu voltar seus olhos para a questão. Através de programa de patrocínio, busca-se incentivar manifestações e práticas culturais da população afrodescendente. Mais informações podem ser obtidas no site: <[http://www.cultura.gov.br/noticias-iphan/-/asset\\_publisher/QRV5ftQkj\\_XuV/content/patrimonio-cultural-afrodescendente-581975/11061](http://www.cultura.gov.br/noticias-iphan/-/asset_publisher/QRV5ftQkj_XuV/content/patrimonio-cultural-afrodescendente-581975/11061)>. Acesso em: 04 jun. 2014.

## REFERÊNCIAS

A PARTICIPAÇÃO DOS NEGROS NA CONSTRUÇÃO DO BRASIL. Disponível em: <<http://influencianegranobrasil.wordpress.com>>. Acesso em: 04 jun. 2014.

BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>.

BRASIL ESCOLA. **Cultura**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/cultura>>. Acesso em: 04 jun. 2014.

CACCIATORE, O. G. **Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros**. Rio de Janeiro: Forense, 1977.

CULTURA. In: DICIONÁRIO Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004. CD-ROM.

CULTURA. In: ENCICLOPÉDIA Wikipédia, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2014. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura>>. Acesso em: 9 jun. 2014.

FIGUEIREDO, L. (Org.). **Raízes Africanas**. Rio de Janeiro: Sabin, 2009 (Coleção Revista de História no Bolso; 6).

FREITAS, M. M. de. **Reino Negro de Palmares**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988.

FREYRE, G. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 49. ed. São Paulo: Global, 2004. (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil; 1).

IBGE. **Censo Demográfico 2010: características da população e dos domicílios, resultados do universo**. IBGE: Rio de Janeiro, 2011. Arquivo PDF. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>

estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\_da\_populacao/resultados\_do\_universo.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2014.

MACUMBA. In: Dicio: Dicionário Online de Português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/macumba/>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

MACUMBA. In: DICIONÁRIO Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004. CD-ROM.

MOURA, C. **Brasil: raízes do protesto negro**. São Paulo: Global, 1983.

NASCIMENTO, A. do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. (Coleção Estudos Brasileiros; v. 30).

NEGROS NO BRASIL. Disponível em: <<http://negros-no-brasil.info>>. Acesso em: 04 jun. 2014.

QUEIROZ, V. et al. **Cultura afro descendente**. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/ValentinaQueiroz/cultura-afro-descendente>>. Acesso em: 04 jun. 2014.

VALÉRIA, M. **Conceito e Cultura**. 2006. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/ensaios/213055>>. Acesso em: 04 jun. 2014.

VRUNO, N. Di. **Folclore: cultura de criollos**. v. 333. Buenos Aires: Policial, 2001.

